POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 19

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 18200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 12500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 RÉIS

1.º Anno

MORALIDADE POSTIÇA

Diz-me um sujeito que sua esposa ficara vivamente indignada com o nosso ultimo artigo e que elle, por sua vez, ficara indignado tambem.

Pois olhe, nós exaltámos as mulheres honestas! Que uma mulher galante ficasse indignada conosco, comprehendiamos. Mas uma mulher honesta... francamente, não comprehendemos.

Foi pela franqueza dos termos? Mas isso seria, quando muito, causa para discussão. Para indignação, não concordámos.

A moralidade está precisamente n'essa franqueza. E está ali por dois motivos: primeiro, porque a esposa, que conhece todas as brejeirices da vida e que as expõe alegremente e commenta no meio d'outras esposas,—é a regra geral—dá provas d'uma refinada hypocrisia quando fingem corar de vergonha ao ouvir um *palavrão*; segundo, porque este proprio *palavrão* é um termo que, embora não admittido nos convencionalismos de salão, é o unico que exprime exactamente uma idéa, sem conter reservas offensivas do decoro. Logo, não só a esposa é hypocrita, quando se sente offendida pela palavra, sem se sentir offendida com conversas reservadas de minudencias de actos de luxuria e criticas particulares de contractos entre homens e mulheres, como é estúpida procurando, para pretexto da sua hypocrisia, um termo geral, que só pôde significar repulsão pela mulher prostituida, sendo, então, moral e decente, em contrario do que pretende um convencionalismo falso e pelintra.

Nós logo dissémos que os leitores e as leitoras de romance arrearariam, com desdem, um periodico que lhes falasse, como o nosso estava falando, sem rodeios de immoralidade!

Mas é irmã do *sacré coeur*, a esposa indignada? Vae á missa, pelo menos, todos os domingos,

e confessa-se regularmente todos os annos?

Vae, isso vae. Confessa-se, sobre isso não ha duvida nenhuma. Pois, n'esse caso, menos razão tem para se indignar, porque os escriptores da Santa Madre Igreja, os mais auctorizados, os mais catholicos, os mais afamados e os mais aconselhados pelo clero são muito mais *realistas* do que nós somos. Nem nós queremos, nem queremos nunca, sê-lo como elles o são.

Assim, em todos os papeis catholicos d'este paiz, como de todos os outros paizes, anda sempre annunciado o *Compendio de Theologia Moral e os Casos de Consciencia* do padre João Pedro Gury, que foi professor do collegio de Roma e que os padres consideram uma verdadeira notabilidade. Pegue o excellentissimo cavalheiro, que nos manifesta a sua indignação e a de sua excellentissima esposa, em qualquer dos ultimos numeros de qualquer periodico catholico, nacional ou estrangeiro, e lá verá esse annuncio.

Ora no seu *Compendio de Theologia Moral*, Gury não está com *meias medidas* e chama ás coisas mais obscenas pelo mais obsceno dos seus nomes. A's coisas mais obscenas! Nós ainda aqui não empregámos, nem empregaremos, como nosso, termo algum obsceno. E a moral do santo padre Gury deve ser muito festejada pelas meninas e senhoras de salão.

Leia o excellentissimo cavalheiro, entre outras coisas, toda a parte da obra *moral* de Gury que trata do sexto e nono preceitos do decalogo, desde o n.º 410 até ao n.º 436. No n.º 411 diz-nos o padre quantas especies ha de luxuria. Começa por ali e descreve a coisa bem. O art. 1.º do capitulo 1.º trata, minuciosamente sempre, dos *beijos* e *contactos impuros*. O artigo 2.º, dos *olhares lançados sobre as coisas obscenas*. O artigo 3.º, das *conversas e leituras impudicas*. O

capitulo segundo intitula-se: «Dos peccados de luxuria consummados». O art. 1.º d'esse capitulo: «Dos peccados consummados segundo a natureza». O paragraho 1.º d'esse artigo: «Da Fornicação», e por ali adiante.

Define a *fornicação*. Define o *adulterio*, que constitue a materia do paragraho 2.º, e define-o assim: «adulterio é a união sexual com o esposo ou a esposa d'outrem; é entrar n'um leito que não é o seu». Define a *pollução*, que é a materia do paragraho 1.º do art. 2.º do mesmo capitulo 2.º. E define d'este modo: «A pollução consiste em espalhar a propria semente sem commercio com outra pessoa. A *pollução voluntaria*, unica de que nos occuparemos, é procurada directamente ou indirectamente. Difere da *distillação*, na qual se espalha um outro liquido mais fluido. Na pollução, a semente é ejaculada com um vivo prazer e uma grande commoção. A *distillação* não é acompanhada de nenhum prazer ou é acompanhada de um prazer muito ligeiro.»

Basta, basta, cavalheiro. Já não nos atrevemos a transcrever a definição e descripção de *sodomia*, e da *fornicação* de homem ou mulher com besta (de quatro pés, que das de duas estamos nós tratando), bellezas que constituem os paragrahos segundo e terceiro do mesmissimo segundo capitulo do *Compendio de Moral* do famosissimo padre Gury, na parte em que se refere aos já citados *sexto e nono mandamentos* da lei de Deus. E muitas outras coisas contem o tal compendio, que trata de tudo com muita clareza e amplidão.

De maneira que o cavalheiro consente que a esposa ajoelhe aos pés d'um marmar e se confesse a um padre, que aprende nos sagrados livros moral d'aquella ordem; o cavalheiro manda a *menina* educar-se n'uma casa religiosa onde o padre Gury e as suas doutrinas são consideradas santas; acha tudo isso muito bom

e só se indigna quando um jornalista chama puta a uma puta, para exaltar a mulher honesta e rebaixar a prostituta de salão.

Ora metta a *viola no sacco* e vá para casa do diabo com as suas indignações, que é a melhor resposta que encontrámos para lhe dar.

A menina lê um romance e depara com um acto indecente praticado por um sujeito qualquer e uma adultera. E' o cheiro dos heliotropos, das clematis e dos jasmims. E' o cantar dos rouxinos. E' uma manhã tépida. O romancista emprega todas *essas cantigas* para descrever a scena dos dois, que se *esconderam n'um macisso*. Depois o romancista acrescenta que se ouviu um ruido no fundo d'esse macisso, um beijo e... mais nada.

Está claro, é lindo, é encantador! Se o romancista dissesse que os dois estavam a bufar como dois porcos era moralizador, porque acarretava para o acto toda a repugnancia que, em taes condições, elle merecia e inspirava. Mas era *indecente* e as meninas janotas e os cavalheiros não gostam d'ouvir *indecencias*.

A menina depara nas avenidas, nas ruas, nos jardins publicos, com umas figuronas estapafurdias, que lhe chamam a attenção. Se é innocente pergunta ás camaradas que já o não são que gente é aquella e as camaradas dizem-lhe o *diabo a quatro*. Se não pergunta ás camaradas e pergunta ao papá este diz-lhe: «que mulher é aquella, filha? E' uma *horizontal*!»

Ora ali está outro termo muito lindo. *Horizontal*! Muito decentes e muito espirituosos são aquelles francezes! Não ha no mundo outra gente tão fina!

Horizontal é uma posição. A posição traz o resto. E a menina viu tudo na sua imaginação incandescente. A isso leva a finura e a decencia do termo! Mas se o papá lhe dissesse: «é uma puta, uma mulher que se expõe aos homens, que faz commercio da

sua honestidade, do seu pudor» a menina, attingida no recato natural em toda a mulher, voltava a cara, mudava de assumpto, não pensava mais na figurona nem no que ella representava porque uma coisa e outra lhe ficavam inspirando nojo.

Desgraçada maneira de educar, a nossa! Ou deixam a creança, por um falso espirito de moralidade, na ignorancia de tudo, e não ha armadilha de torpeza em que a creança, assim desprevenida, assim tão cega, não possa cahir, ou deixam aos estranhos, estupidos, ou desmoralizados já, o cuidado de a elucidar e essa elucidação faz-se, então, pessimamente!

Como o nosso correspondente da *Figueira da Foz* sensatamente fazia notar, na sua ultima correspondencia, escreviam as «Novidades» que as elegantes de S. Carlos seguiram com «particular attenção» os movimentos da Réjane quando esta, no papel de Zaza, inventava todo o possivel de «sedução descarada e animal», palavras das «Novidades», para seduzir um rapaz.

Estavam a aprender, as elegantes!

Tal é a moralidade, tal é a decencia do bom tom!

Aquillo faz-se e aquillo escreve-se!

Mas não se escreve a palavra «puta», que é uma palavra latina que significa, simplesmente, rapariga, embora os usos a tenham levado até á significação de rapariga prostituida, e que, a ter de ser significada, como tem, melhor o é por esse termo que por outro equivalente.

Mas é tamanha a falsidade do convencionalismo em que vivemos, e tão ridicula a pretensão a transigir com elle, que até dos dictionarios modernos tem desaparecido a palavra.

Lá vem no dictionario do Moraes, no dictionario do Lacerda e n'outros mais antigos. Mas foi supprimida no dictionario «Contemporaneo da lingua portugue-

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO VIII

B.—Logo que os cavalleiros presentes tivessem satisfeito o seu voto, quebrando cinco lanças cada um, o principe proclamaria o vencedor do primeiro dia, o qual receberia em premio um cavallo de combate de uma belleza e vigor incomparaveis; e além d'essa recompensa pelo seu valor, declarava-se já que o vencedor teria a honra insigne de nomear a Rainha do Amor e da Belleza, por quem devia ser concedido o premio no segundo dia.

4.—Annunciava-se que no segundo dia haveria um torneio geral, no qual todos os cavalleiros presentes que desejassem ganhar louvores poderiam tomar parte e, divididos em dois partidos de numero egual, combater valorosamente até que o principe desse signal de terminar a lucta. A Rainha do Amor e da Belleza devia então collocar sobre o vencedor proclamado pelo principe uma corôa de folhas d'oiro em forma de corôa de louro. Assim terminaria no segundo dia o torneio propriamente dito.

Mas no dia seguinte deviam ter lugar justas d'arceiros, combates de toiros e outras diversões populares, com o fim de divertir a população. Por esse meio o principe João procurava lançar os fundamentos de uma popularidade que estava constantemente a destruir

com aggressões irreflectidas contra os sentimentos e os preconceitos do povo.

A liça offerecia n'esse momento o mais esplendido espectáculo. As tribunas superiores estavam apinhadas de tudo o que havia de mais notavel em nobreza, grandeza, fortuna e belleza nos condados do norte e do centro da Inglaterra; e o contraste dos trajos d'esses espectadores distinctos dava-lhes um aspecto tão pomposo como agradável, emquanto que os palanques inferiores, cheios de opulentos burguezes e *yeomen* da alegre Inglaterra, formavam pela simplicidade do seu vestuario uma especie de franja ou cercadura sombria em volta d'esse circulo brilhante, fazendo-lhe realçar ainda mais o esplendor.

Tendo os arautos terminado a

sua proclamação com as phrases usuas: «*Largesse, largesse*, valentes cavalleiros!» cahiu sobre elles de cima das tribunas uma chuva de moedas d'oiro e de prata, porque era um dever da nobreza ser liberal com os que se consideravam como secretarios e historiadores da hora. Essa prova de generosidade foi saudada com as aclamações ordinarias: «Amor ás damas! Morte aos campeões! Honra aos generosos! Gloria aos valentes!» O povo fez soar nos ares os mesmos gritos, aos quaes numerosas trombetas juntaram as suas notas guerreiras. Quando cessou o ruido, os arautos sahiram em boa ordem da liça, onde só ficaram os marechaes do torneio, montados e armados dos pés á cabeça e immoveis como estatuas, um em cada extremidade da arena. Entretanto

o espaço destinado aos campeões, ao norte da liça, estava cheio de uma multidão de cavalleiros anciosos de se medirem com os mantenedores; das tribunas superiores essa multidão apresentava o aspecto de um mar de plumas ondeantes, no qual faiscava o aço dos elmos e das lanças; e as bandeirolas que ornavam a maior parte d'estas, fluctuando á menor agitação do ar, imprimiam, juntamente com o ondear das plumas, uma vida palpitante a esta scena.

Final abriram-se as barreiras e cinco cavalleiros, tirados á sorte, avançaram lentamente pela arena, um á frente e os outros atraz, dois a dois. Todos estavam armados esplendidamente, e o manuscripto saxão que me serve de guia n'esta narrativa, refere com todos os pormenores as suas divizas, as suas

za e no dictionario de Candido de Figueiredo, ainda em publicação.

N'este ha uma nota de «bom tom» attendivel. Não traz a palavra «puta». Mas traz a palavra «puto».

Tal é o bom tom.

Tal é o progresso.

Concordemos que é um bom tom um progresso, com aperfeiçoamento asseado.

Como nós temos cada vez mais vontade de mandar para «a mãe» todos estes anos e anitos, todos estes parvos e parvinhos!

E tem um homem que os aturar!

Triste destino!

COMICIO

Realisa-se hoje pelas 11 horas da manhã, no Theatro Aveirense, um comicio cujo fim é discutir os meios para se conseguir que a projectada linha de ferro do Valle do Vouga seja incluída na nova séde de caminhos de ferro portuguezes, como linha complementar.

Para esse fim foram convidadas todas as camaras a cujo concelho o assumpto interessa, para se fazerem representar.

Agradecimento

A todas as pessoas que directa ou indirectamente se interessaram pelo estado do nosso querido filho e irmão o menorista Arnaldo Ayres da Costa Goes; ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Prior da freguezia da Vera-Cruz e respeitavel clero d'esta cidade que assistiu ás ceremonias religiosas que tiveram lugar por occasião do seu fallecimento; ás dignissimas corporações que tomaram parte no prestito funebre; á sympathica e prestimosa Academia Aveirense que deu provas da sua condolencia acompanhando o cortejo até ao cemiterio; a todos os cavalheiros que significaram o seu sentir por tão infauso acontecimento, os abaixo assignados agradecem profundamente, ficando indeleavel a sua gratidão.

Aveiro, 12 de dezembro de 1899.

Francisco Emilio da Luz e Costa
Maria Carolina da Costa Goes
Augusto Cesar da Costa Goes
Maria da Purificação Soares e Goes.

A PROPOSITO DO PADRE

Guyot continúa:

«O desprezo da carne, e odio do corpo, a negação da vida não podiam honrar o trabalho que é um complemento de vida, um engrandecimento do homem, um augmento do seu ser, pois que tem por resultado a posse d'uma maior somma de utilidade.

Ninguém recusará, entre os que possam accusar-nos de parciais, a auctoridade de Guizot. Ora Guizot disse: «Se eu tivesse de procurar o mal mais profundo, o vicio mais funesto

côres, e até a ornamentação dos seus cavallos. E' inutil demorarmos-nos com esses permenores; porque, como disse um poeta contemporaneo, que escreveu muito pouco:

Esses cavalleiros estão reduzidos á poeira; As suas boas espadas cobertas de ferrugem; E as suas almas, creio eu, em companhia dos santos (1).

Ha muito tempo que os seus escudos desapareceram das paredes dos seus castellos e estes mesmos estão convertidos em terraços cobertos de relva e em ruínas des-

(1) Estas linhas fazem parte de um poema inédito de Coleridge que tantas vezes tortura a musa com fragmentos reveladores do seu merecimento e do seu capricho e enjos esboços incompletos revelam mais talento do que as obras acabadas de muitos outros.

d'essa antiga sociedade, que dominou em França até ao seculo dezeseis, diria, sem hesitar, que é o desprezo do trabalho.»

Mas diz-se: esse desprezo não é especial ao christianismo: pesa sobre toda a sociedade antiga.

Sim. Os deuses antigos, sem duvida, como todos os deuses, tinham ciúmes do trabalho do homem, das suas conquistas sobre a natureza, que era olhada como dominio dos mesmos deuses. Contudo, Apollo ensinou a medicina, Pozeidon a navegação, Hermes o commercio: a agricultura é um dom da grande deusa Demeter. Hesiodo disse: «A preguiça é odiada pelos deuses.» O proprio Socrates tinha encerrado a sua moral n'estas palavras: «Bem fazer», e dava a esta maxima a applicação a mais pratica: «o homem melhor é aquelle que, como lavrador, cumpre melhor o seu dever de lavoura; como cirurgião o de cirurgia... etc.» Em Athenas o trabalho não era desprezado. Pouco a pouco ia-se desenvolvendo e realçando a idéa da sua importancia, da sua utilidade, da sua grandeza. Ao mesmo tempo que os philosophos começavam a odiar e a amaldiçoar a escravidão, chegavam, por uma consequencia natural, a comprehender o verdadeiro caracter do trabalho. Dion punha um operario acima d'um bom palrador. Seneca dizia: «Se a humanidade escutasse a voz do sábio não teria que arranjar soldados.» Emfim, Lucano perguntava se a lucta do homem contra a natureza, para tirar d'ella uma maior somma de utilidade, não valia mais do que essa perpetua lucta do homem contra o homem; perguntava se não valia mais occuparem-se todos a enriquecer-se todos do que a empobrecerem-se mutuamente, despujando-se uns aos outros.

E o christianismo? Rehabilitou elle o trabalho? Ah! Aqui, como em tudo, foi o christianismo um recuo, um grande atraso sobre o movimento philosophico. Não deve o christão ser humilde? O salario é altivo: o ideal do christão é o mendigo.

Por ventura deve o christão occupar-se d'este mundo, d'este corpo, de todas as coisas maldictas d'este valle de lagrimas? Pois a sua verdadeira patria não é o céu? Então, para que ha d'elle trabalhar? O trabalho pôde ser desculpavel como uma d'essas factas condições da natureza que, na sua lucta contra ella, o espirito nunca pôde vencer impunemente: mas é tudo: é indecente, como a união do homem com a mulher. E' contrario aos fins do christão. (1)

Se a idéa do trabalho não ficou bem nitida na antiguidade é preciso reconhecer n'esta, pelo menos, um ardente desejo de aprender, de se instruir, de augmentar a actividade intellectual do homem. O christão intertem e prohibe todo o estudo, a

(1) O padre é um parasita de tal natureza que é a unica entidade excluída do serviço militar em Portugal. Sem familia e sem patria! A religião, fazendo putas de salão, dando-lhes tom, dando-lhes relevo, não faz uma só dona de casa. E' chic ser puta e irmã do sacri occur. Mas nenhuma puta fidalga faz filie em saber cosinhar a comida da familia e em saber remendar as coroilas do marido e dos filhos. Estes serviços são considerados indignos de toda a putaria fidalga, que considera, ao mesmo tempo, uma nota indispensavel de bom tom e elegancia pertencer ás confrarias jesuiticas. E', pois, perfeitamente exacto e christianismo representar o desprezo do trabalho.

(1) O padre é um parasita de tal natureza que é a unica entidade excluída do serviço militar em Portugal. Sem familia e sem patria! A religião, fazendo putas de salão, dando-lhes tom, dando-lhes relevo, não faz uma só dona de casa. E' chic ser puta e irmã do sacri occur. Mas nenhuma puta fidalga faz filie em saber cosinhar a comida da familia e em saber remendar as coroilas do marido e dos filhos. Estes serviços são considerados indignos de toda a putaria fidalga, que considera, ao mesmo tempo, uma nota indispensavel de bom tom e elegancia pertencer ás confrarias jesuiticas. E', pois, perfeitamente exacto e christianismo representar o desprezo do trabalho.

(1) O padre é um parasita de tal natureza que é a unica entidade excluída do serviço militar em Portugal. Sem familia e sem patria! A religião, fazendo putas de salão, dando-lhes tom, dando-lhes relevo, não faz uma só dona de casa. E' chic ser puta e irmã do sacri occur. Mas nenhuma puta fidalga faz filie em saber cosinhar a comida da familia e em saber remendar as coroilas do marido e dos filhos. Estes serviços são considerados indignos de toda a putaria fidalga, que considera, ao mesmo tempo, uma nota indispensavel de bom tom e elegancia pertencer ás confrarias jesuiticas. E', pois, perfeitamente exacto e christianismo representar o desprezo do trabalho.

manteladas. O solo que os conheceu outr'ora já os não conhece; e depois d'elles muitas outras gerações morreram e foram esquecidas nos logares em que exerceram a sua auctoridade de proprietarios e senhores feudaes. Para que serviria, pois, ao leitor conhecer os seus nomes ou os symbolos desvanecidos da sua energia guerreira?

N'aquelle momento, porém, não pensando no esquecimento que esperava os seus nomes e os seus feitos, os campeões avançavam pela arena, contendo os fogosos corceis e forçando-os a marcharem a passo para mostrarem ao mesmo tempo o seu garbo e dextreza. Desde que tinham entrado na pista ouvia-se os sons discordes de uma musica barbara por traz dos pavilhões dos mantenedores. De origem oriental, fóra trazida da Terra Santa e com-

não ser a vã discussão dos textos e das formulas das santas escripturas: mas quanto ás sciencias terrestres são uma das fórmulas da voluptuosidade e portanto devem ser rejeitadas como esta. Por toda a parte, sob todas as suas fórmulas, o christianismo, em lugar de ser um desenvolvimento do homem, é uma mutilação. Em lugar de o animar, munitica-o: se não chegou a anniquilar e a petrificar o mundo inteiro. Deve-se isto, prestemos-lhe essa homenagem, á perpetua revolta do homem, que, por mais baixo que tenha estado, nunca deixou de protestar, d'uma maneira mais ou menos consentida, contra a sua degradação.

O christianismo é uma religião da morte, uma negação da vida. O seu ideal nunca foi na terra, na ordem actual das coisas. Foi fó a d'ella, tanto com o millenarismo cheio de esperança, como com a terrivel crença no fim do mundo.

Toda a sociedade christã vive e viveu sempre com uma só idéa: a morte! A vida do christão é a espera da morte. (1) Não encontra, não vê na vida senão phantasmas e demônios. O christianismo é uma dança macabra.

Como não havia uma tal preocupação de trazer o desprezo de todas as coisas?

Conquistas, saques, pilhagens de cidades, crimes de todas as especies, hecatombes humanas, o que importam? Só o corpo soffre com isso: o espirito está em extasis!

S. Paulo disse: «A nossa verdadeira habitação é no céu. Tende o gosto das coisas de cima e não das que existem na terra. Enquanto habitarmos o corpo, somos hospedes affastados do Senhor.»

E é com esta religião de morte que se fala em reconstituir a nossa vida, com esta religião cujo passado vemos surgir das trevas profundas da idade-média no meio de legiões de espectros hediondos. Contemplam a luz sinistra das primeiras palavras do Ecclesiastes: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas!* e ousas depois, na vossa consciencia de homem, falar do christianismo em nome da humanidade!

Que recuo sobre o sentimento de solidariedade humana, affirmado por todos os philosophos pagãos!

«O homem, dizia Plutarcho, não é uma planta terrestre, feita para ficar immovel, com raizes fixas á terra onde nasceu.»

Seneca: «Um homem deve ser sagrado para um homem, porque são os membros d'um mesmo corpo.»

Marco Aurelio: «Sou por natureza um ser raciocinante e sociavel. Tenho um paiz e uma patria: como Antonino tenho Roma, como homem tenho o mundo.»

Havia muito tempo já que Terencio tinha dado a formula da vida do verdadeiro homem: — «Eu sou homem e nada do que é humano me é estranho.» *Homo sum, nihil humani a me alienum puto.*

Vem o christianismo e diz: Para mim, não ha de humano senão a morte! No momento em que os philoso-

(1) Também isto é muito bem dicto e perfeitamente exacto. O christão passa a vida a preparar-se para o reino dos céos. Oscilla entre o terror do purgatorio, do inferno, e o desejo da bemaventurança. Que lucta tão terrivel e tão prejudicial! Que pezado tão abominavel, que acompanha o homem desde o berço!

phos se erguem altivos deante dos Cesares e dizem: Anneo Cornutus a Neron: — Os teus livros não valerão nunca os de Chrysippo. Helvidius Briscus a Vespasiano: — A ti, matar, a mim morrer! Demetrius o Cynico a Nero: — Conduzir-me-heis á morte, mas a natureza ameaçava-vos a vós proprio! Chega S. Paulo e diz: — Obedecei a vossos senhores. (1)

Epicteto affirmava a liberdade humana: «Quero mandar nos teus pensamentos. — Quem te deu essa poder? Como podes tu vencer os pensamentos e as vontades dos outros? — Pelo terror. — Ignoras que nada pôde dominar a vontade senão a propria vontade. Se tu disseres «ponho te ferros aos pés» quem fizer caso das pernas exclama: «Oh! não faças isso, peço-te; tem piedade de mim!» Mas quem estimar só a vontade, responde-te: «pois pôde, se quera.» — E não ficas impressionado? — Eu não. — E eu mostro-te que sou o senhor. — Como é que o has de mostrar? Jupiter creou-me livre. (2) Pensas tu que elle commetteria a falta de permittir que seu filho fosse arrastado á escravidão? Tu és senhor do meu cadaver; toma-o, se quizeres. — Assim, quando tu te aproximares de mim não me respeitas? — Farte-hei cortar a cabeça. — Muito bem: esquecia-me de que era preciso honrar-te como á peste e de que se devia levantar-te um altar como o da febre em Roma. Muitos são mais fortes do que um só, o bandido é mais forte do que aquelle que o não é. Mas não ha força que possa acabrunhar um homem recto.»

O que faz o christianismo? Diz ao homem: Sê humilde, achata-te, não penses, cre!

A philosophia, tornando-se atheista, ensinava essa alta moral individual, a equaldade dos homens, reivindicava para estes a liberdade, estabelecia as noções do direito: chega o christianismo e com as suas idéas extravagantes, as suas praticas occultas, o seu gosto do mercantilismo, as suas superstições bestiaes, lança a humanidade no ascetismo, no desprezo de si propria, na morte. Por ventura ha progresso?

O que veio salvar Jesus? Nada.

Longe de salvar, perdeu: o christianismo foi um recuo da humanidade,

(1) Aqui, como em tudo, é Guyot d'uma verdade flagrante e d'uma logica irresponsivel. Todo o mundo conhece, de facto, a altivez dos philosophos gregos e romanos perante os poderosos, os imperantes e os tyranos. E todo o mundo conhece tambem a humildade e a obediencia pregadas pelo christianismo.

(2) Temos, de preferencia, acompanhado Guyot porque nenhum outro é tão claro, tão logico, tão synthetico como elle. Mas, como temos dicto sempre, as suas opiniões são as opiniões de toda a philosophia moderna. Não são opiniões individuais. Já o temos provado com largas citações de muitos outros auctores. Quem quizer estudar com mais profundidade as doutrinas dos philosophos antigos comparadas com as doutrinas dos christãos pôde consultar um livro notavel do celebre philosopho Guyot — *Education et Heredité* e ler o appendice *Stoicisme et christianisme*, de pag. 239 a 300.

phos se erguem altivos deante dos Cesares e dizem: Anneo Cornutus a Neron: — Os teus livros não valerão nunca os de Chrysippo.

Helvidius Briscus a Vespasiano: — A ti, matar, a mim morrer!

Demetrius o Cynico a Nero: — Conduzir-me-heis á morte, mas a natureza ameaçava-vos a vós proprio!

Chega S. Paulo e diz: — Obedecei a vossos senhores. (1)

Epicteto affirmava a liberdade humana: «Quero mandar nos teus pensamentos.

— Quem te deu essa poder? Como podes tu vencer os pensamentos e as vontades dos outros?

— Pelo terror.

— Ignoras que nada pôde dominar a vontade senão a propria vontade. Se tu disseres «ponho te ferros aos pés» quem fizer caso das pernas exclama: «Oh! não faças isso, peço-te; tem piedade de mim!» Mas quem estimar só a vontade, responde-te: «pois pôde, se quera.»

— E não ficas impressionado?

— Eu não.

— E eu mostro-te que sou o senhor.

— Como é que o has de mostrar?

Jupiter creou-me livre. (2) Pensas tu que elle commetteria a falta de permittir que seu filho fosse arrastado á escravidão? Tu és senhor do meu cadaver; toma-o, se quizeres.

— Assim, quando tu te aproximares de mim não me respeitas?

— Farte-hei cortar a cabeça.

— Muito bem: esquecia-me de que era preciso honrar-te como á peste e de que se devia levantar-te um altar como o da febre em Roma. Muitos são mais fortes do que um só, o bandido é mais forte do que aquelle que o não é. Mas não ha força que possa acabrunhar um homem recto.»

O que faz o christianismo? Diz ao homem: Sê humilde, achata-te, não penses, cre!

A philosophia, tornando-se atheista, ensinava essa alta moral individual, a equaldade dos homens, reivindicava para estes a liberdade, estabelecia as noções do direito: chega o christianismo e com as suas idéas extravagantes, as suas praticas occultas, o seu gosto do mercantilismo, as suas superstições bestiaes, lança a humanidade no ascetismo, no desprezo de si propria, na morte. Por ventura ha progresso?

O que veio salvar Jesus? Nada.

Longe de salvar, perdeu: o christianismo foi um recuo da humanidade,

(1) Aqui, como em tudo, é Guyot d'uma verdade flagrante e d'uma logica irresponsivel. Todo o mundo conhece, de facto, a altivez dos philosophos gregos e romanos perante os poderosos, os imperantes e os tyranos. E todo o mundo conhece tambem a humildade e a obediencia pregadas pelo christianismo.

(2) Temos, de preferencia, acompanhado Guyot porque nenhum outro é tão claro, tão logico, tão synthetico como elle. Mas, como temos dicto sempre, as suas opiniões são as opiniões de toda a philosophia moderna. Não são opiniões individuais. Já o temos provado com largas citações de muitos outros auctores. Quem quizer estudar com mais profundidade as doutrinas dos philosophos antigos comparadas com as doutrinas dos christãos pôde consultar um livro notavel do celebre philosopho Guyot — *Education et Heredité* e ler o appendice *Stoicisme et christianisme*, de pag. 239 a 300.

intenções pacificas, os assaltantes retiraram-se para a outra extremidade da arena, onde esperaram, postos em linha, enquanto que os mantenedores, sabendo dos seus pavilhões, montavam a cavallo e levando á frente Brian de Bois-Guilbert, desciam da plataforma e iam collocar-se em frente dos cavalleiros que tinham tocado os seus respectivos escudos.

Ao som dos clarins e trombetas arremessaram-se a toda a brida uns contra os outros e foi tal a dextreza e boa fortuna dos mantenedores que os antagonistas de Bois-Guilbert, Malvoisin e Testa-de-Boi rolaram pelo chão; o de Grantmesnil, em vez de dirigir a lança contra o capacete ou o escudo do seu inimigo, afastou-a tanto da linha recta que a partiu no corpo do seu adversario, — circumstancia que se

porque consagrou no mundo tres negações sociaes:

1.º O direito divino, isto é a sanctificação da oppressão e o anniquilamento da individualidade (1) humana no dever da obediencia irreflectida.

2.º A graça, isto é a supressão da idéa de justiça; o favor e o acaso substituidos ao esforço individual; a vontade e o favoritismo do senhor, Deus, Cesar, rei, principe, no logar do direito.

3.º O dualismo do espirito e do corpo, o odio da carne, da vida, isto é as hypocrisias e as raivas brutae dos appetites sexuaes, com o desprezo da mulher; o desprezo do trabalho e, por consequencia, do trabalhador.

Ha deoito seculos que o homem protesta e se revolta contra essas castigações! Vans tentativas até hoje: continúa no engodo da grande utopia celeste: o abuso de confiança manteu-se e triumphou. O sceptico burquez deixa permanecer a mulher e os filhos n'essa noite profunda. Vae-lhe dando a hostia a papar e exclamando juntamente: — Se não lhes fizer bem, tambem não lhes faz mal!

Ah! pobre besta! olha para traz e vê toda essa cloaca que se chama a idade-média, todos esses clarões de fogueiras que brilham sinistramente no meio d'uma cerração infecta, todas essas sombras de cadaveres que pendem das forcas, os cadaveres de teus paes! Não sentes tu, desgraçado, pesar-te no peito toda essa pesada massa de oppressão? Não te sentes tu incommodado, fatigado, esgotado pelos miasmas fétidos que enchem a atmosfera de Voltaire e de Diderot? E dizes tu que não faz mal! Infeliz! Sabes d'onde te vem esse desalento, essas vans agitações, esses impulsos focos de que te sentes possuído? Da peste negra que te cariou os ossos. Abana a cabeça, dizes que não. Pois vamos fazer o diagnostico da tua doença, examinando as questões seguintes:

1.º Quaes foram e quaes são as manifestações e os resultados das negações sociaes, que já mencionamos, na historia?

2.º O christianismo podia e pôde fundar com ellas alguma coisa?

3.º Qual é e qual deve ser a attitude da sociedade actual perante o christianismo?

E examina, e desenvolve, brilhantemente, essas questões, na segunda parte do magnifico livro, que temos citado.

Infelizmente, não o podemos acompanhar aqui. Mas continuaremos.

(1) A propria disciplina clerical, mil vezes mais oppressiva que a disciplina militar, é um completo anniquilamento. O padre é um instrumento passivo, sem familia, sem patria, sem cerebro, não obrando-nem pensando por conta propria, exclusivamente ás ordens de Roma.

Num quartel: — Vocês ouviram a ordem que deu o coronel? — perguntou um sargento — é preciso que ao meio dia mudem todos de camisa.

— E os que se não tinham a que trazem no corpo, meu sargento?

— Esses que a troquem uns com os outros, grande burro!

considerava mais deshonrosa do que a de ser desmontado, porque se esta podia resultar de um accidente, aquella era sempre uma prova de inhabilidade e inexperiencia no manejo das armas e do cavallo. O quinto assaltante foi o unico que manteve a honra do seu partido, e investindo galhardamente com o cavalleiro de S. João, partiram ambos as suas lanças, separando-se sem vantagem de lado nenhum.

Os gritos da multidão, juntamente com as aclamações dos arautos e o clangor das trombetas, annunciaram o triumpho dos vencedores e a derrota dos vencidos. Os primeiros voltaram para os seus pavilhões e os outros, levantando-se como puderam, sahiram da liça, corridos e envergonhados, para tratarem com os adversarios do res-

Cartas d'Algueres

21 DE DEZEMBRO.

Amigo João, amigo João—não confundir com o João dos Carrapitos, que falamos agora do nosso João typographo—amigo João, amigo João, que se tem descuidado mais do que o permitido! Faça algumas asneiras, que nós também as fazemos ás vezes, mas não faça muitas.

Ouviu? Não faça muitas. E, posto isso, vamos ao mais. Eu não lhes dizia? Quem quiser acertar é ir contra as *Novidades*.

Dizem que é o Estado Maior quem faz os planos de campanha das *Novidades*. Deve ser, deve ser! Plano urdido pelas *Novidades* é plano destruído no dia seguinte.

Corre na tropa que é o Estado Maior quem põe e dispõe hoje dos destinos do exercito portuguez. Também deve ser!

As duas coisas ligam-se: os planos de campanha no Transwaal, feitos pelas *Novidades*, e os planos guerreiros feitos em Portugal, pelo Estado Maior.

Muito bem, muito bem. Mas mesmo muito bem!

Eu não lhes dizia que deixassem cantar quem canta, que a Inglaterra levaria e tornaria a levar? Pois olhem que não era preciso ser muito intelligente para ver isso logo de principio. Os boers denunciaram, logo aos primeiros tiros, a sua superioridade e os inglezes a sua inferioridade. Desde os desastres do general Symons e do general White que se tinha visto tudo. Os boers impunham-se como estrategicos, como tacticos, como atiradores, como soldados conhecedores da moderna sciencia da guerra. Os inglezes eram muito bons, mas... com pretos.

Sim, meusinhos janotas da Parvonia. Nós também temos um grande exercito para... pretos. Com estes é que é ganhar commendas, peusões e glorias. O exercito inglez é melhor, um bocado melhor, mas não deixa ainda de ser... um bello exercito para pretos.

Isto toda a gente viu logo de principio. Toda a gente, não. O lindo Estado Maior, que faz planos de campanha nas *Novidades*, não viu nada d'isso. Agora é que vae vendo, e, como vê tarde, anda de mau humor e desconfiado.

Mas se não foi toda a gente, foi toda a gente que sabia ler e pensar. E por isso nós fomos sempre dizendo aqui aos leitores: «deixem correr, deixem cantar, não se flem em lóas, que os inglezes apanharam e estão para apanhar muita porrada.»

E a coisa vae cada vez sahindo mais certa! A mesma hora em que sahia a publico a nossa ultima carta, na qual continuavamos com a nossa caturreira, apparecia a publico a derrota do proprio Buller, logo apoz a noticia da derrota de Methwen, os grandes generaes apregoados pelas *Novidades* e quejandos.

E foi uma vez marcha em duas

semanas até Pretória, como dizia o senhor Stan léy, e uma vez ceia de Buller, em noite de presepio, na capital de Transwaal!

Pois não te vios vaidada nenhuma em ter acertado. Repetimos: só tão acertava quem não visse e não reflectisse. Quem visse, quem reflectisse, quem fosse lido em historia de campanhas, via logo ao principio que os inglezes começavam como começavam todos os exercitos destinados a grande pancadaria. A's vezes perde-se uma grande batalha e os creditos dos vencidos augmentam. Outras vezes uma simples escaramuça mostra logo que um dos contendores ou os dois não prestam para nada. E' assim em tudo e d'ahi vem o dictado: «pelo dedo se conhece o gigante.»

E' tal e qual. O exercito inglez conheceu-se logo pelos primeiros embates. Pelo dedo se conhece o gigante.

Pelo dedo se conhece o gigante e por isso nós fomos dos que convictamente, firmemente, seguros de acertar, esperámos a pancadaria nos inglezes, que estava escripta no livro dos destinos. E eis-a que chegou; e eis-a que vae chegando.

E não é só militarmente que o Transwaal se mostra á altura. Não de os leitores do *Povo de Aveiro* lembrar-se que nós logo desde o principio manifestámos também a nossa admiração pelo presidente Kruger, que se mostrou um habil diplomata não se deixando intrujar pelos inglezes. Mas nós nada valem e por isso uada valém também, e nada influem sobre os outros, as nossas opiniões. Por isso alegrou-nos ver hontem no *Seculo* que dois homens de peso faziam de Kruger uma idéa verdadeiramente grande. São elles Charles Dilcke e Bismarck. Este tinha-o na conta do primeiro diplomata do mundo; aquelle considera-o um dos homens mais extraordinarios d'este seculo.

Opiniões! Ha mancebos esperançosos que consideram Kruger um labrego e o Transwaal uma nação de selvagens.

O sr. Ayres d'Ornellas, distinctissimo official do exercito—não esquecer que quasi todos os nossos officiaes são distinctos—vae mais longe. Até de Gladstone sua excellencia fala com desdem. No artigo publicado pelas *Novidades*, e a que já nos referimos na carta de domingo ultimo, diz o sr. Ayres:

«O governo inglez em 1881 não avaliou a sangue frio a situação na Africa Austral ao assignar a paz. Laings Nec' fora uma batalha da guerra peninsular em que as tropas britannicas desempenharam o papel dos francezes em Talavera ou no Bussaco. Majuba era um episodio sem importancia no desfecho final da lucta. Mas o gabinete de Saint James era presidido por um sectario d'aquelle liberalismo tão fatal aos povos que precisam viver vida de nação, e Gladstone não quiz vingar a affronta de Majuba, como mais tarde devia deixar morrer Gordon em Khartoum.»

Um sectario d'aquelle liberalismo tão fatal aos povos que precisam de viver vida de nação! Pois não se vê que o sr. Ayres está definitivamente talhado para grande homem? Não se vê que além de distinctissimo militar é, também, distinctissimo politico? E vê-se mais; vê-se muito bem, muito bem, muitissimo bem, que sua excellencia engole todos os oito dias o corpo sagrado de Nosso Senhor Jesus Christo.

Lá isso é que se vê. Gladstone era antes de tudo inglez. Elle lá sabia as razões que tinha para não prolongar a guerra com os boers e os acontecimentos estão-lhe dando razão.

Mas que querem? A mocidade esperancosa é levada do diabo.

Emfim, vá lá, que não temos, nós, os sectarios do liberalismo, grande razão de queixa. Ainda que a Inglaterra venha a vencer, ha de levar a sua conta. Riça, muito riça. Já tem levado de grande. Mas falta o resto!

Vá lá, que os sectarios do liberalismo não tem de que chorar e o monco das *Novidades* bem o prova. Andam com um monco de arripiar os cabellos. Hoje agitam tres papões, nada menos. A questão economica, que se vae tornar pavorosa se as difficuldades da Inglaterra continuarem e se aggravam; as ambições da Hespanha e a perda da bahia de Lourenço Marques.

E chama imbecis aos que desejam o triumpho dos boers.

Pois será tudo como pretendem, mas o que perde as *Novidades* é ter-nos ensinado a dizer: «carve, malandros!»

Perdemos Lourenço Marques? Empolga-nos a Hespanha? Estamos com uma crise economica?

Arre, malandros, que bem prospero e bem feliz podia ser esta terra, sem estar atida ás migalhas de ninguém.

Arre, malandros, que bastantes recursos tinha este paiz para viver vida autonoma e digna sem estar na continua dependencia dos outros, e n'uma dependencia abjecta.

Arre, malandros! A. B.

THEATRO AVEIRENSE

Realizou-se no dia 21 o espectáculo pela Troupe Dramatica Aveirensis em beneficio do cofre da Sociedade Recreio Artístico, d'esta cidade. Como prenotacionis, subiram á scena a comedia em 3 actos «Os filhos de Adão» e a comedia em 1 acto «Casa de Babel». O desempenho correu á altura dos créditos da Troupe, que se compõe exclusivamente de artifices nossos conterraneos, alguns d'elles com bastantes aptidões para o palco, e que, nas poucas horas que o trabalho da officina lhes deixa livres, se entregam a este genero de estudos.

Manda a verdade que se diga que já os vinhos fazer peor figura, o que, de certo, não quer dizer que a receita de quinta-feira fosse obra sem senões. As actrizes saíram... diga-se o termo, porque a applicação é justa, saíram uma verdadeira peste. Ou ellas não viessem do Porto! A irmã do Zé de Pinho já ahí fez bem melhor o papel de Rosita, na «Casa de Babel».

destituído de coragem e força, Athelstane tinha uma grande tendencia para a inercia e muito pouca ambição para se resolver ao esforço que Cedric parecia esperar d'elle.

— Este dia é contrario á Inglaterra, Senhor, disse Cedric intencionalmente. Não quereis empunhar a lança?

— Empunhal-a-hei amanhã, na *mêlée*, respondeu Athelstane; não vale a pena armar-me hoje.

Dois coisas desagradaram a Cedric n'esta falla: a palavra *mêlée* para designar um combate geral é uma especie de indiferença pela honra do seu paiz; mas elle tinha um tão profundo respeito por Athelstane que não se atrevia a discutir as suas razões ou as suas fraquezas. Além d'isso não teve tempo para fazer qualquer

Verdadeiramente detestaveis! Mas o que prendeu a attenção da plateia, foi o sextetto. A melodia de Rossini «Mira la bianca luna», e principalmente a «Serenata mourisca», de Chapi, foram bellamente executadas e bisadas. O IV e o VII dos celebres quartettos de Haydn decerto que não cederam em primor á melodia de Rossini e a serenata de Chapi; mas o nosso publico, apesar de «virtuoses», não está habituado a ouvir d'aquella musica. Não a comprehendem e d'ahi a menos conta em que a teve.

Não obstante, as honras do espectáculo couberam ao sextetto. Os applausos com que a plateia o coroou, foram justos. E a Troupe Dramatica Aveirensis deve dar-se por muito feliz, por ter tido um tão valioso auxiliar.

Mas as actrizes, hão de concordar, foram uma verdadeira peste que mandaram vir do Porto!

Falava-se de colera:

— A coisa está o diabo para nós, porque não morrem senão homens.

— Como assim?

— Então você não lê os telegrammas? Tantos obitos aqui, tantos obitos acolá... Tudo obitos, e a respeito de obitos... nem uma.

Origem dos coculos escuros que alguns jesuitas trazem

Lêmos em algures o seguinte:

«Depois de creados e multiplicados os jesuitas, Satanaz dividiu-os em tres classes:—jesuitas *sotainas*, jesuitas *puritanos*, e jesuitas *instrumentos*.

E sub-dividiu estes ultimos em:—irmãos *hypocritas*, e irmãos *seculares*. E disse-lhes:

—«D'ora avante, não olhareis ninguém face a face. Nada ha mais perigoso que observar os homens cara a cara. Alguns ha que sabem ler nos olhos dos outros.»

«Para mais segurança, trazeis «oculos escuros», verdes, azues ou negros,—a côr não faz ao caso, oom tanto que sejam escuros.»

«Uma tal precaução vos dará a duplicada vantagem de esquadrihar o coração dos outros, sem que os outros possam ler no vosso.»

E eis aqui porque muitos jesuitas, e principalmente os geraes dos irmãos hypocritas e seculares, ou encasacados, de varias terras, seguindo o conselho do seu general em chefe, Satanaz, começaram de usar vidraças escuras nas janellas dos seus já escuros cacos.»

Ora o Fernandes que em todos os ramos do saber humano é um poço... de molicho, que é a vergonteia mais esperancosa da nobre casa de Villar, que não pôde desconhecer isto, como ignora tudo o que habitualmente *discute*, porque não usará oculos?

Usa oculos, reverendo dr. Molicho! Usa, que mettes um figurão!

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

A' POLICIA

Ha dias um habitante da rua de S. Martinho queixou-se á policia do fétido que exhalava uma das valetas da dita rua, por causa do sugo que vinha correndo d'uma quinta d'um tal José Nunes Rafeiro. Pois a policia, nada. O tal José Nunes ainda diz a quem lhe pede que mande tapar aquillo:

—Bebam-n'o. Então para que diabo nos serve a policia! E' só para para prender as crendas de servir que namoram pelas ruas?

Ora bolas!...

A nephelibatice na sciencia

A nomenclatura actual da chimica organica dá lugar á formação de termos e periodos que fazem lembrar a litteratura nephelibata. Ahí vae uma amostra, que tiramos de um livro recente:

«A oxydtrichloroethylidenadiazina que devia ser, pela sua formula, clinorhombica, é orthiorhombica; mas concebe-se muito bem que a reunião de dois ou tres prismas clinorhombicos dê um prisma orthiorhombico.»

Não é raro encontrar em publicações sobre aquella sciencia palavras de trinta e mais letras; n'uma d'ellas cita-se o acido paranitrophenyldehydrohexonocarboxylic!

E' necessario fazer estações pelo caminho para se chegar ao fim!

No tribunal:

O juiz:—O quê? pois tem a audacia de se introduzir de noite na casa alheia?

— Ora essa, senhor juiz! Na ultima vez que aqui estive, censurou-me v. ex.ª por eu fazer isso de dia. Então a que horas quer v. ex.ª que eu o faça?

ENGOMADEIRAS

INCUMBEM-SE de engomar todos os artigos proprios, com brilho ou sem elle, empregando a gomma especial SAEZ. Garantem a perfeição.

Rua do Gravito (Casa immediata á da TANOEIRA)

APRENDIZ

De cinzellador, ensina-se a tempo e preço convencional. Interno ou externo.

Trata-se com José d'Azevedo Leite Junior.—Rua de S. Victor, 102 a 104—PORTO.

Caixeiro

PRECISA-SE com pratica de mercearia e vinhos. Com referencias. Carta a esta redacção.

observação porque Wamba metteuse na conversa dizendo: «E' muito melhor, apesar de ser mais facil, ser o primeiro entre cem do que entre dois.»

Athelstane tomou esta observação por um cumprimento; mas Cedric, que comprehendeu melhor a intenção do bobo, lançou-lhe um olhar severo e ameaçador; e foi talvez uma fortuna para Wamba que, apesar das immundades do seu cargo, a occasião e o lugar não permitissem a seu amo dar-lhe provas mais sensíveis do seu sentimento.

(Continúa.)

gate das suas armas e cavallos, que, segundo as regras do torneio, já lhes não pertenciam. Só o quinto da sua turma ficou na arena, sendo saudado com os applausos dos espectadores até que se retirou, o que decerto mais aggravou o vexame dos seus companheiros.

Segunda e terceira turma de cavalleiros sahiram a campo successivamente; e conquanto alcançassem algumas vantagens, a victoria decisiva pertenceu afinal aos mantenedores, nenhum dos quaes foi desmuntado ou se desviou do fito, o que, em cada recontro, aconteceu a um ou dois dos seus antagonistas. Desde então o ardor dos assaltantes pareceu esfriar consideravelmente com um successo tão constante. Na quarta entrada appareceram só tres cavalleiros, que, evitando os escudos de Bois-Guil-

bert e Testa-de-Boi, se contentaram em tecar os dos outros tres, que não tinham manifestado a mesma força e dextreza. Esta escolha prudente não alterou a sorte do combate, porque os mantenedores tiveram a mesma fortuna; um dos seus antagonistas foi a terra e aos outros dois *falhou o golpe*, isto é, não conseguiram bater com firmeza e força no elmo ou capacete do seu antagonista, levando a lança em linha recta, de maneira que ou a arma devia quebrar-se ou o campeão ir a terra.

Depois d'este quarto recontro houve uma pausa consideravel; mais ninguém apparecia, disposto a renovar o combate. Os espectadores começaram a murmurar, porque entre os mantenedores Malvoisin e Testa-de-Boi eram impopulares pelo seu character; e os ou-

ARMAZENS

BEIRA-MAR

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 27

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e crianças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importância.

FABRICA A VAPOR

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal **biscoito d'Aveiro**,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA :—o genuino vinho de meza, limpido, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Mannes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE João Pedro Ferreira
AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais elie.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo
acido e seriedade
com que se
trata

Excellent serviço
de meza

ATELIER DE ALFAETERIA

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verção.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima: arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello **Champagne**.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para-

fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO